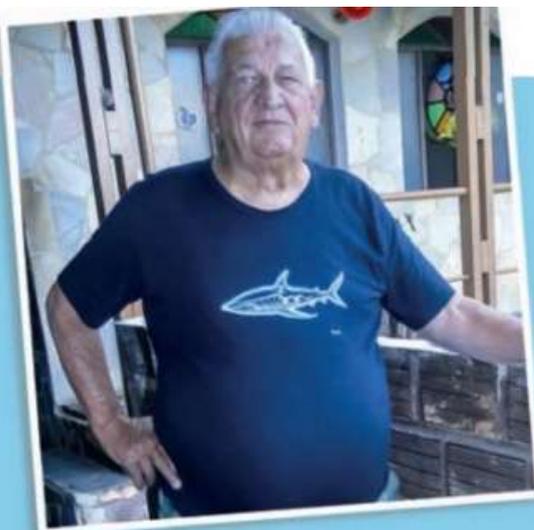


LOURINHO, UMA HISTÓRIA DE AMOR PELA AGAP-MG

Há 33 anos, invariavelmente no mês de Janeiro, ele comparece à sede da entidade para pagar a anuidade de filiado, sem nunca ter solicitado qualquer tipo de benefício.

Grande dificuldade para andar; uma cirurgia de catarata malsucedida que, aos poucos, vai consumindo a sua visão esquerda; e 130 quilos de peso, fruto de 31 anos cuidando de um bar no Mineirão. Quem vê Edson Esteves hoje, com 84 anos, não imagina que ele foi um grande goleiro de clubes de Minas, São Paulo e Rio de Janeiro na década de 50. E pouca gente sabe que ele é um personagem especial na história da AGAP de Minas Gerais, pagando religiosamente sua anuidade sem pedir nada em troca.

“Graças a Deus, tenho condições financeiras para fazer isso, e faço com prazer, pois sei o quanto é importante o trabalho da AGAP. Me tratam muito bem quando vou lá e sei que me ajudariam caso precisasse. Pena que os jogadores em atividade ignoram o trabalho das Associações e esquecem que um dia podem precisar de seus benefícios”, diz ele orgulhoso do seu comportamento.



O futebol, no entanto, não lhe deu nada, “pois à época em que joguei os salários eram baixos e não havia a menor possibilidade de formar um patrimônio que garantisse a tranquilidade financeira que tenho hoje. O que possuo é fruto do meu trabalho explorando o tradicional bar 21 do Mineirão. Perdi a concessão em 2007, quando o estádio foi fechado para as reformas visando a Copa do Mundo. Na reabertura, confiei na palavra de dois outros exploradores de bar que me prometeram uma sociedade mais lucrativa. Quando percebi que havia sido enganado, já não tinha como recuperar meu negócio”, relembra ele com semblante triste.

Mesmo com a perda da sua fonte de renda, Lourinho, como é conhecido, se sente um homem feliz e realizado. Passa a maior parte de seu tempo curtindo sua casa e família: a esposa Maria Neuza, os filhos Silvana, Ramiro e Rodrigo e os netos Pedro e Rafaela. A aposentadoria e a renda de alguns imóveis alugados lhe permitem ter uma vida financeira tranquila: “Meus filhos estão criados, têm vida própria e o que eu ganho dá para ter uma vida sossegada”, diz ele.

Mas, nem tudo são flores na vida de Lourinho. Uma contusão no joelho direito, que ele escondeu durante 10 anos de carreira, só

para não ser operado, e os seus 130 quilos, frutos do excesso de cerveja consumida durante a exploração do bar, dificultam muito a sua locomoção. Lourinho anda com dificuldade e resmunga sempre que precisa descer ou subir as escadas de sua casa. Se não bastassem esses dois problemas, ele agora enfrenta um tão grande quanto os outros: uma cirurgia de catarata malsucedida, consequência de um derrame facial, está consumindo aos poucos sua visão esquerda.

Mas ele não se deixa abalar e fala com muito orgulho de sua carreira, iniciada profissionalmente em 1952, no América de Belo Horizonte, após uma rápida passagem pelo juvenil do Cruzeiro. Depois defendeu o Atlético Mineiro, o América-RJ, Bangu-RJ, América, de São José do Rio Preto-SP; Sanjoanense, de São João Evangelista-SP; Paulista, de Jundiaí-SP; Rio Preto, também de São José do Rio Preto-SP; Taubaté-SP; voltando a Minas Gerais para defender o Metalusina, novamente o América, e encerrar sua carreira no Bela Vista, de Sete Lagoas, em 1962.

“Joguei ao lado e contra grandes jogadores do futebol brasileiro. No Bangu, ao lado do “mestre” Zizinho e de Zózimo; Zé do Monte e Ubaldo, no Atlético-MG; no América do Rio tive o Alarcon como companheiro, um dos maiores jogadores que conheci. Joguei, também, contra o grande Santos de Pelé, Vasco de Vavá e Belini, Botafogo de Manga e Pampolini, entre outros”, relembra Lourinho com saudade. Seus ídolos: Gilmar, da seleção brasileira e Geraldo II, durante muitos anos goleiro do Cruzeiro.